

AS METAMORFOSES DE HELENA E SUAS REPRESENTAÇÕES NAS TRAGÉDIAS DE EURÍPIDES (SÉCULO V a.C.)

SILVA, Tatielly Fernandes

Programa de Pós-Graduação em História

Faculdade de História, UFG

Bolsista CAPES

fernandes.tatielly@gmail.com

Palavras-chave: Teatro, Tragédia, Eurípides, Helena.

Introdução

Este trabalho objetiva apresentar os resultados parciais alcançados no decorrer de nossa pesquisa de mestrado, iniciada em março de 2011, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. O título agora apresentado corresponde ao mesmo do projeto de pesquisa apresentado à banca examinadora e contém o cerne do que vem motivando este empreendimento que tem como finalidade última a confecção de dissertação de mestrado a ser apresentada até março de 2012.

O que nos propomos a fazer nesta pesquisa estabelece a necessidade de conhecer detidamente dois personagens históricos, Helena e Eurípides. A primeira é uma personagem mítica pertencente ao ciclo de narrativas da Guerra de Tróia. Seu mito é bastante complexo e possui variações significativas. Filha de Zeus ou com a mortal Leda ou com a divindade noturna Nêmesis, é portadora de uma beleza que excede a comum dos mortais. O senhor do Olimpo se apaixona por Nêmesis, mas esta foge dele metamorfoseando-se em formas diversas até que transformada em gansa, Zeus se une a ela em forma de cisne. Nêmesis põe um ovo que foi encontrado por pastores que o entregaram a Leda, que o protegeu até o nascimento de Helena e dos Dioscuros, Castor e Pólux, Helena e Castor ou somente de Helena. A outra versão sugere que foi Leda após unir-se a Zeus quem pôs um ou dois ovos. De um dos ovos teria saído Helena e Castor e do outro, Clitemnestra e Pólux (GRIMAL: 1996 p.229). Todos os filhos de Leda tiveram por pai humano a Tíndaro, que pode ser também pai biológico de Clitemnestra ou desta e de Pólux, pois teria

se unido a Leda no mesmo dia que Zeus e ela concebeu dos dois. Segue-se ao seu miraculoso nascimento toda uma teia de acontecimentos ligados à sua beleza sem par entre os mortais, sendo o mais notável seu rapto ou sua fuga com o Páris, príncipe troiano, que segundo oráculo levaria Tróia às chamas.

As narrativas míticas presentes na região hoje denominada Grécia não compunham um conjunto canônico ou sagrado, durante longos séculos foram contadas oralmente e passaram, progressivamente, a ser registradas por escrito com finalidades distintas. No século V a.C. em Atenas uma das formas de escrita de partes específicas dessas narrativas eram as tragédias. Aqui nos encontramos então, como nosso segundo protagonista, o tragediógrafo Eurípides. O poeta nasceu provavelmente em 484 a.C. e é segundo Aristóteles (*A Poética*, Parte XIII) o maior dos tragediógrafos gregos. Sua produção, sempre permeada por motivos sofistas e o isolamento a que se submeteu no final de sua vida, tornaram-lhe motivo de troça dos poetas cômicos. É um dos tragediógrafos mais atacados pela comédia antiga, sendo muitas vezes alvo de poetas da tradição, como Aristófanes. Escreveu cerca de 90 peças, mas somente 17 tragédias e um drama satírico chegaram a nós. Sua primeira peça encenada foi *As Pelíades* no ano 455 a.C. quando pela primeira vez conseguiu um coro. Suas peças não foram bem recebidas por seus contemporâneos, somente por três vezes conseguiu um primeiro lugar nos concursos. Aristóteles afirma que seus contemporâneos o julgam mal e não compreendem a grandeza de sua obra (Aristóteles. *A Poética*, Parte XIII).

O problema que motiva esta pesquisa é estabelecer a relação entre a produção de Eurípides e as formas várias que Helena pôde ser representada no contexto da Atenas do século V a.C. num conjunto de textos que eram inspirados nos mitos e retratavam temas já conhecidos dos cidadãos e que já haviam sido tratados anteriormente por outras narrativas. Conforme Ken Dowden (1994), mesmo a narrativa trágica utilizando-se do mito para promover o entretenimento, em nenhum momento deve-se perder de vista seu potencial de formular uma proposição acerca do mundo e de nosso lugar neste. A representação permite ao poeta manipular, evocar, transmitir essa proposição. As estruturas sociais, o imaginário, a memória de uma sociedade são perceptíveis, portanto, nas produções dos seus artistas. As tragédias nos permitem localizar o lugar ideal em que o cidadão grego deveria se postar.

Metodologia

Para compreender os documentos iniciamos com análise interna destes, atribuindo maior atenção às tragédias de Eurípides nas quais Helena aparece representada em cena como *Helena*, *As Troianas* e *Orestes*. Para análise mais acurada buscamos comparar traduções dos originais gregos em português, inglês, francês e espanhol, retornando aos originais gregos sempre que possível e necessário. Buscamos também uma compreensão do contexto histórico de produção destas tragédias e de divulgação da representação trágica de Helena, para isso buscamos bibliografia nacional e estrangeira sobre o período clássico e arcaico grego (D'ETIENNE, GRIMAL, LESKY, FERREIRA, MOSSÉ, VERNANT).

Lidamos com um conjunto de narrativas que partem sempre de um aparo mítico muito presente e ativo na sociedade políade, por essa razão utilizamos elementos teórico a respeito dos conceitos mito e mitologia (D'ETIENNE, ELIADE, BURKERT), imaginário (DURAND; BALANDIER) e representação (GINZBURG; CHARTIER). Do entrelaçamento destes conceitos podemos nos aproximar da representação de Eurípides da personagem mítica Helena dentro do contexto específico da Atenas no século V a.C com recursos apropriados para compreender a construção específica desta personagem nos textos trágicos (LESKY, ROMILLY).

Resultados

Com o desenvolvimento da pesquisa pudemos ratificar hipóteses e objetivos levantados em nosso projeto de mestrado. As mudanças de estatuto da personagem Helena estão diretamente vinculadas ao mundo em que seu mito foi narrado, interpretado por este ou aquele autor. A Helena homérica está vinculada a um mundo aristocrático, agrário, que busca nos ancestrais heróicos legitimação e extensão de seu mérito. Esta mesma Helena já não corresponde à realidade do século V a.C., que busca deuses que sejam dotados de características transcendentais coerentes, não aqueles que possuem todos os vícios criticados nos humanos. Esta crítica filosófica entabulada, desde os pré-socráticos, ao panteão homérico foi responsável pelo surgimento de novas características dos deuses e das narrativas míticas presentes nas tragédias.

Helena ganha contornos em Eurípides segundo tradições já existentes, mas sua modelagem vincula-se a um momento específico e não pode ser devidamente apreendida desvinculada da polis ateniense no período clássico. Acreditamos ver em Helena modelos femininos a serem seguidos e a serem evitados pelas contemporâneas do tragediógrafo.

Conclusão

Helena é representada ora como vítima ora como culpada, ora é uma ora é múltipla, ora divinizada, ora humanizada, essa pluralidade é perceptível nas representações trágicas. A escolha do tragediógrafo remete a seus posicionamentos pessoais e aos critérios prática a que a representação trágica está submetida, como, por exemplo, os recursos cênicos disponíveis, o que está acontecendo na cidade, entre outros fatores tão voláteis quanto. Os resultados alcançados com nossa pesquisa até o momento apontam para um entendimento de Helena como modelo de mulher sedutora, bela, perigosa e ao mesmo tempo esposa exemplar, ainda hoje presente no imaginário ocidental que se auto-denomina herdeiro cultural da Grécia Clássica.

BIBLIOGRAFIA

a) Documentos Textuais

ARISTÓTELES. Poética. Edição bilíngüe por Valentin Garcia Yebra. Madrid: Editorial Gredos, 1974.

ARISTÓTELES. A poética. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

EURÍPIDES. *Helena*. Tradução de José Ribeiro Ferreira. Porto Alegre: Movimento, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra, 2009.

EURIPIDE. *Hélène, Les Phéniciennes*. Traduit par Henri Gregoire et Louis Meridier. Paris: Belles Lettres, 1950.

EURIPIDE. *Les Troyennes, Iphigénie em Tauride, Électre*. Traduit par Léon Parmentier et Henri Gregoire. Paris: Belles Lettres, 1948.

b) Bibliografia Geral

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

- CHARTIER, R. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- DETIENNE, M. *A invenção da mitologia*. Rio de Janeiro; Brasília: Jose Olympio: UnB, 1998.
- DETIENNE, Marcel; SISSA, Giulia. *Os deuses gregos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- DOWDEN, Ken. *Os usos da mitologia grega*. Campinas, Sp: Papirus, 1994.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- ELIADE, Mircea. *Entre o Sagrado e o Profano*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. *Mito e Realidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Olhos de madeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- FERREIRA, J. R. *A Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- FERREIRA, José R. (Org.). *Labirintos do Mito*. Coimbra: F.L.U.C., 2005.
- FINLEY, Moses Israel. *Aspectos da Antiguidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- GRIMAL, Pierre. *O teatro antigo*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- LORAUX, Nicole (Org.) *La Grèce au Féminin*. Paris: Lês Belles Lettres, 2009.
- HAVELOCK, Eric A. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MOSSÈ, C. *Atenas, a história de uma democracia*. Brasília: Ed. UnB, 1997.
- _____. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ROMILLY, Jacqueline. *A tragédia grega*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- VERNANT; J.P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- VEYNE, Paul. *Acreditaram os gregos nos seus mitos?* Lisboa: Edições 70, 1983.